



# 19

## The Face Book

*The Face Book*

Luisa Maranhão de Araújo <sup>1</sup>

### RESENHA

O livro *O Efeito Facebook – Os bastidores da história da empresa que conecta o mundo* (*The Facebook Effect*, Ed. Intrínseca, 2011), escrito pelo ex-editor sênior da área de Internet e tecnologia da revista *Fortune*, David Kirkpatrick, discorre a trajetória da empresa de Mark Zuckerberg. De 2003, com o *Course Match*, em Harvard, até 2011, quando o Facebook foi um dos meios utilizados em manifestações internacionais. Aparentemente, o livro tem como público-alvo os administradores, visto que está exposto nas livrarias na seção de Administração. No entanto, logo no prólogo, o leitor percebe que a narrativa se estende para além dos gerenciadores de empresas.

Kirkpatrick inicia *O Efeito Facebook* com a história de Oscar Morales, que utilizou a rede social para se manifestar contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), em 2007. Em seguida, a estrutura é dividida em 17 capítulos, pós-escrito, agradecimentos, notas, leitura adicional, índice remissivo e “uma nota sobre a apuração de informações para este livro”<sup>2</sup>, que compõe o conjunto. A narrativa é linear, combinando narrações de diálogos diretos, descrições de cenas e pessoas, e análises das situações pelo autor. O vocabulário combina jargões administrativos, expressões próprias da Internet e de jovens estudantes americanos.

*O Começo*, primeiro capítulo, conta a história escolar de Mark, desde “a escola de elite *Phillips Exeter Academy*, de onde se espera que os alunos prossigam diretamente para alguma das universidades mais tradicionais e de maior prestígio que compõe a *Ivy League*”<sup>3</sup><sup>4</sup>. Neste aspecto, o segundo filho mais velho de quatro irmãos e único homem de uma família judia seguiu o caminho previsto. Em Harvard, Zuckerberg aprendeu a contornar as regras e, depois, desistiu da faculdade.

Por conta da criação do *Course Match*, chamado posteriormente de *Facemash*, Mark foi suspenso pelo Conselho de Administração Disciplinar, por “violações ao código de conduta da faculdade pelo modo como

---

1 Mestranda da Linha de Pesquisa “Teorias e Tecnologias de Comunicação”, da Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Contato: maranhao.luisa@gmail.com

2 KIRKPATRICK, p. 359

3 Grupo de oito prestigiadas instituições de ensino superior dos EUA. (KIRKPATRICK, p. 29)

4 KIRKPATRICK, p. 29.



o site tratara as questões de segurança, direitos autorais e privacidade”<sup>5</sup>. Desde o princípio, questões relativas à privacidade dos indivíduos foram temas de inquietação. A solução foi atribuir a responsabilidade ao usuário, tornando cada um responsável pelas próprias publicações. Em 11 de janeiro de 2004, Zuckerberg registrava o Thefacebook.com.

Em *Palo Alto*, segundo capítulo, a vida dos estudantes de Harvard muda-se para o Vale do Silício, na Califórnia. Em meio a uma região com empresários e investidores, os universitários pensavam em mudar o mundo. Eles “podiam até estar desenvolvendo uma rede social revolucionária na Internet, mas, na verdade, ainda eram apenas garotos de faculdade”<sup>6</sup>.

Os desafios na construção da empresa Facebook; a recepção da rede social nas universidades e na sociedade norte-americana, e em outros países; e um breve histórico das redes sociais, desde o lançamento das bases da Internet; o Sixdegrees, como “o primeiro negócio on-line que tentou identificar a mapear um conjunto de relações reais entre pessoas reais”<sup>7</sup>; Myspace, Orkut, LinkedIn, entre outros.

O autor diferencia os objetivos de instituições privadas e os almejados por Mark. Ao final do livro, Kirkpatrick demonstra as incertezas do futuro tanto na empresa Facebook, quanto nas sociedades em que ele foi inserido e contribuiu para o desenvolvimento de diversas mobilizações sociais.

Kirkpatrick se refere, brevemente, à experiência análoga vivida por outros universitários, dos Estados Unidos, no início do desenvolvimento da Internet, na década de 1960. Apesar de receberem investimentos governamentais, estudantes de ciências da computação também ambicionavam “a interconexão de computadores como um instrumento da livre comunicação”<sup>8</sup>, complementa Castells.

Em plena Guerra Fria, eles não “estavam ligados à contracultura no sentido dos movimentos sociais

ativistas da época”<sup>9</sup>. As duas situações evidenciam os preceitos culturais de democracia norte-americana, em que “as pessoas são perfeitamente livres porque são inteiramente iguais; e serão perfeitamente iguais porque serão inteiramente livres”<sup>10</sup>; o uso dos “valores da liberdade individual, do pensamento independente e da solidariedade e cooperação com seus pares”<sup>11</sup>.

Anterior ao conceito de igualdade, de Tocqueville, na sociedade moderna, com a formação da intimidade – privacidade – do indivíduo, ele se torna rebelde “contra o conformismo inerente a toda sociedade”<sup>12</sup>.

[...] pouco importa se uma nação se compõe de homens iguais ou desiguais, pois a sociedade exige sempre que os seus membros ajam como se fossem membros de uma enorme família dotada apenas de uma opinião e de um único interesse.<sup>13</sup>

A modernidade modifica a percepção das pessoas, que passam a se rebelar, a lutar pelos próprios interesses. Elas assumem a própria opinião e repudiam a imposição de regras de comportamento, as quais controlam as esferas sociais, pública e privada<sup>14</sup>. Tal como o privado é o lado humano que não se apresenta em público, este é tudo que “pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível.”<sup>15</sup>

As instituições também se dividem em domínio privado, como organizações econômicas privadas com fins lucrativos e as relações entre familiares e amigos, e de domínio público, como as “organizações econômicas pertencentes ao Estado”<sup>16</sup> e organizações estatais e paraestatais.

A dicotomia pública e privada é alterada com

5 KIRKPATRICK, p. 33.

6 KIRKPATRICK, p. 67.

7 KIRKPATRICK, p. 79.

8 CASTELLS, 2003, p. 26.

9 CASTELLS, 2003, p. 27.

10 TOCQUEVILLE, p. 230.

11 CASTELLS, 2003, p. 26.

12 ARENDT, p. 49.

13 ARENDT, p. 49.

14 ARENDT.

15 ARENDT, p. 59.

16 THOMPSON, p. 112.



a publicidade mediada. As informações restritas a poucas pessoas passam a ser acessado por indivíduos em diferentes condições espaços-temporais. Instituições privadas, que visariam o lucro, almejam a transparência da sociedade; e organismos públicos aspiram fins privados.

Com o advento da Internet e das redes sociais, a atividade política regionais, compreendida como a vida pública<sup>17</sup>, é divulgada internacionalmente. E essa divulgação sofre distorções, “basta que ‘nós’ tracemos essas fronteiras em nossas mentes; ‘eles’ se tornam ‘eles’ de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como sua mentalidade são designados como diferentes do nosso.”<sup>18</sup>

Os conflitos entre judeus e palestinos exemplifica a realidade de dois povos que não são separados geograficamente, mas estão separados por fronteiras mentais.

Na Cisjordânia, os manifestantes dirigiram sua ira contra o próprio Facebook e o obrigaram a lidar com questões delicadas de política internacional. Colonos judeus nos territórios ocupados sentiram-se ultrajados porque o Facebook exigia que eles dissessem que viviam na Palestina. Um grupo chamado “Não é a Palestina, é Israel” não demorou para, em março de 2008, alcançar 13.800 integrantes.<sup>19</sup>

Se a identidade<sup>20</sup> da rede social, inserida na cultura da sociedade norte-americana, foi responsável pela suspensão de Zuckerberg, de Harvard. Em outros países, a consequência foi: “quando um pai da Arábia Saudita descobriu que a filha interagiu com homens no Facebook, ele a matou.”<sup>21</sup> “Apesar das imigrações culturais e fluxos comunicacionais, a tradição ainda se faz presente, pois estão “quase sempre interligadas com atividades da vida diária<sup>22</sup>”, que nem sempre coincidem com experiência mediada.

A composição social está para além do

17 THOMPSON.

18 SAID, p. 91.

19 KIRKPATRICK, p. 298.

20 CASTELLS, 2002, p. 22.

21 KIRKPATRICK, p. 298.

22 THOMPSON, p. 171.

Estado, com a tradição, como esfera privada, e a publicidade mediada, como esfera pública.

Estados nacionais particulares estão cada vez mais imersos em redes de poder (econômico, político, coercitivo e simbólico) que se prolongam muito além de suas fronteiras e que limitam, numa medida que varia de um país para outro, o espaço de manobra dos governos nacionais democraticamente eleitos.<sup>23</sup>

A instituição governamental, representante do domínio público e delimitada por fronteiras geográficas, deve se atentar para a expansão que não elimina as barreiras “sociais, étnicas e culturais de maneiras previsíveis.”<sup>24</sup> “Estas formalizam os conceitos de público e de privado.

Enquanto “os governos ao redor do mundo estão se esforçando para descobrir como lidar com os usuários do Facebook quando eles se beneficiarem de suas liberdades.”<sup>25</sup>, Zuckerberg acredita que a rede é apenas o início, ele “vê a privacidade como algo que o Facebook deve oferecer as pessoas até que elas superem a necessidade disso<sup>26</sup>”, em qualquer lugar do mundo.

O mundo mais transparente e menos privativo é diminuir o poder da tradição, do privado, e somar a relevância da publicidade mediada, do público. A experiência acadêmica de Zuckerberg evidenciou que ele não seria aceito, caso permanecesse com esses mesmos objetivos em Harvard. Na Arábia Saudita, um pai matou a filha porque a tradição foi rompida. Na Cisjordânia, a relevância da identidade judia ou palestina não supera qualquer benefício que uma rede social possa oferecer.

Ainda que Mark diga estar preocupado com a transparência, ele é dono de um domínio privado, com acionistas que visam lucros. Ele mora em um país, onde um ex-presidente deixou o cargo, porque utilizou de organizações estatais para fins privados; escândalo ocorrido após a criação da Internet, quando universitários norte-americanos fizeram pesquisas almejando a liberdade de comunicação.

23 THOMPSON, p. 219.

24 SAID, p. 91.

25 KIRKPATRICK, p. 298.

26 KIRKPATRICK, p. 219.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. 1906-1975. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. - 6ª Ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. 348pág.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão técnica Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2). Tradução de The Power of identity. Editora Paz e Terra S/A. Rio de Janeiro: 2002.

KIRKPATRICK, David. O Efeito Facebook: os bastidores da empresa que conecta o mundo. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Rousara Eichenberg. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão; Revisão da Tradução: Leonardo Avritzer. Ed. Vozes: 2ª Edição. Petrópolis, RJ. 1999.

TOCQUEVILLE, Alexis de. Da democracia na América. Traduzido e condensado por José Lívio Dantas. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

